

Protegendo a sexualidade de nossas crianças

Já faz 7 dias que Virgínia e sua família estão conosco. Muito embora a negação no que diz respeito a crimes sexuais continue, ela começa a falar dos outros maus-tratos, da pinga, dos espancamentos, da vida num inferno particular. “As pessoas não ajudam, elas só sabem desfazer e ficar falando da gente”, conta Virgínia. As reações do nosso pessoal estão chegando. Um diretor acha que estamos correndo risco: “O que vai acontecer quando ele sair da prisão? Pode querer retaliar.” Outros nos advertem sobre o risco de tê-los dentro de nossas casas. As duas professoras que depuseram na delegacia estão apreensivas: “Será que ele vai ficar preso mesmo?” E todos nós nos perguntamos: “O que nós, enquanto instituição, estamos fazendo para enfrentar este problema? Colocamos a segurança e o bem-estar da criança em primeiro lugar? Ou servimos apenas como uma bóia num mar turbulento, que prolonga a vida por hora, mas não garante o resgate de uma vez por todas?”



Por que proteger a sexualidade de nossas crianças parece ser uma tarefa tão difícil?

Porque não temos clareza quanto ao nosso objetivo.

Quando nos dispusemos a trabalhar com crianças ou adolescentes, nossos ideais eram ousados. Depois de vários embates, estamos cansados. Sentimos a tentação de diminuir o desafio, de circunscrever a nossa missão a algo menor: proteger a criança durante as oito horas que ela está conosco ou falar-lhe do amor de Deus — sem entrar no mundo em que está inserida e que é a sua referência para formar sua opinião sobre Deus. A organização precisa ter o compromisso bem claro: existimos para proteger a criança integralmente, inclusive no que diz respeito à sua sexualidade.

Porque não temos clareza sobre o que vem a ser a sexualidade da criança.

Há quem diga que a iniciação sexual de crianças indígenas (que às vezes começa aos 6 anos de idade, como é o caso da tribo Waiâpi) é um valor cultural, que precisa ser respeitado. Assim, a pedofilia nesse caso não é pedofilia, não é crime, não causa dor, não é pecado e não deixa seqüelas.

Não estamos longe do dia em que os detentores da ideologia da tolerância começarão a pregar que a criança gosta das carícias que recebe e que o problema está em nós adultos, preconceituosos e moralistas com relação ao sexo — nada mais distante da perspectiva bíblica.

Precisamos, sim, de uma teologia aplicada que nos dê respaldo para entender a sexualidade da criança, respeitar o seu desenvolvimento e protegê-la até a idade apropriada. É comum situações em que a adolescente é vista como adulta, capaz de escolher e decidir sobre sua conduta sexual, sem o risco de ser manipulada por adultos. Mas aqueles que a julgam promíscua e merecedora da dor que lhe é causada teriam opinião mais branda em se falando de suas próprias filhas.

Precisamos conhecer mais sobre a afetividade e a sexualidade na criança, como ela se desenvolve, que parâmetros e limites Deus tem para a criança nos relacionamentos com os adultos.

Porque não temos clareza sobre as formas em que a sexualidade de nossas crianças está ameaçada.

Nos tempos bíblicos, infringir a lei de Moisés era ao mesmo tempo pecado contra Deus e crime contra a sociedade. Vivemos numa era de muita ambivalência: pecados grotescos contra a vida (aborto, por exemplo) em muitos casos não são considerados crimes.

Precisamos não só de clareza quanto aos padrões bíblicos, mas também de informação quanto à lei. Violência sexual infanto-juvenil é crime e tem legislação própria: o ECA.

A violência sexual tem sido dividida em dois grupos básicos: o abuso e a exploração.

O abuso sexual é o ato de violência praticado por alguém que quer sentir prazer sexual com uma criança. Alisar, tocar partes íntimas, masturbar, exhibir órgãos genitais, exhibir filmes pornográficos, praticar sexo oral, anal ou relações sexuais são algumas das formas de abuso sexual.

A exploração sexual é qualquer ato praticado por adulto que coloque a criança ou adolescente em situação de risco e que tenha por finalidade obter lucros. Ela pode assumir várias formas: prostituição, fotos e filmes pornográficos, venda da virgindade, etc.¹

	Tipos de violência cometida contra crianças e adolescentes	
	Abuso sexual intra ou extrafamiliar	Exploração sexual
Com contato físico	Estupro Atentado violento ao pudor Atos libidinosos/Sedução	Prostituição Pornoturismo Tráfico
Sem contato físico	Assédio Voyeurismo Exibicionismo	Pornografia

Fonte: Pacto São Paulo

Porque não temos clareza ou não queremos enxergar as dimensões do problema.

Não há números exatos que possam quantificar o problema. Mas sabemos por relatos, depoimentos e até mesmo pelo crescente número de denúncias que o abuso sexual não é coisa rara.

Na maior parte dos casos relatados o abuso é cometido por alguém conhecido da criança. Na grande maioria, mas não sempre, o abusador é do sexo masculino, e, pior, o abuso começa muito antes de a criança chegar à puberdade.

Quanto à exploração sexual para fins de comércio, foi lançado em 2002 o relatório PESTRAF.² Essa pesquisa identificou no Brasil 110 rotas de tráfico intermunicipal e interestadual e 131 rotas internacionais de mulheres e adolescentes para fins de comércio sexual. Oitenta por cento das rotas interestaduais envolviam o tráfico de adolescentes.

A pesquisa indica um padrão progressivo que começa em casa: abuso e maus-tratos em família, perda do vínculo familiar, aliciamento para o tráfico intermunicipal e finalmente aliciamento para o tráfico internacional, cujo destino inclui mais de dez países. Assim, no tráfico internacional a predominância é de mulheres adultas.

Porque não temos clareza sobre quem são as nossas crianças.

Comentários do tipo “não estamos preparados para atender esse tipo de criança” representam desculpas que não exoneram a igreja, a academia de dança, a escola, o clube esportivo, a creche, da responsabilidade de agir.

Talvez a ação se resuma à denúncia baseada em uma mudança inexplicável no comportamento da criança ou numa declaração dela. Não cabe ao cidadão apurar todos os fatos. Isso cabe ao Conselho Tutelar e outras instâncias do poder público.

A violência sexual é perniciosa e não tem preconceito de cor, religião, nem poder aquisitivo. Precisamos nos assegurar de que nenhuma das crianças com as quais trabalhamos está sofrendo em silêncio e de que todas estão recebendo de nós as ferramentas necessárias para se protegerem!

Porque não temos clareza sobre quem é o nosso inimigo e quais são as suas armas.

A Bíblia diz que o Diabo nos ronda, rugindo como um leão, buscando alguém para devorar. O objetivo dele é muito claro: morte e destruição. Sua estratégia é o pecado, pois ele nos afasta de Deus.

A Bíblia diz também que o pecado sexual se volta contra o próprio corpo. Juntando tudo: nada mais eficaz do ponto de vista satânico do que investir na perversão sexual. E, para potencializar os resultados, adiciona-se uma boa dose de violência, administrada muitas vezes sob a influência de um velho e fiel comparsa: o álcool. Público alvo? A família, que, desestruturada, cria indivíduos solitários e mesquinhos, cuja resistência contra o pecado vai diminuindo cada vez mais.

O Diabo gosta também da propaganda de massa. A cultura brasileira está saturada de um erotismo comercial desvirtuado, evidente nos outdoors, programas de televisão, revistas e pôsteres sugestivos e onipresentes, e até mesmo na maneira como nos vestimos, cantamos ou dançamos. É vergonhoso aplaudir uma música como Egüinha pocotó o tempo suficiente para que outra ainda pior tome o seu lugar.

Mas a Bíblia deixa muito claro para nós o que fazer: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4.7). Ele nunca atua sozinho; só age quando se une aos piores desejos do ser humano. Jesus venceu o maligno. A vitória final é nossa! Então por que o medo, o silêncio, a passividade? Resistir o Diabo na área da violência sexual significa o confronto, a insistência, a criatividade e o esforço para alcançar um objetivo claro: quebrar o ciclo da violência e oferecer cura interior para vítimas e agressores.

Porque não temos clareza sobre a nossa estratégia, sobre como podemos enfrentar nosso inimigo.

Ele divide para conquistar. Nosso caminho: a cooperação.

Ele mente e esconde. Nosso caminho: quebrar os muros do silêncio, trabalhar com a verdade, insistir, vigiar.

Ele isola para oprimir. Nosso caminho: a oração, a comunhão, o trabalho em equipe.

Ele oprime para dominar. Nosso caminho: o serviço em amor, a constância e a esperança.

Ele se exalta para impressionar e nos fazer sentir impotentes. Nosso caminho: a dependência de Deus, a fé, a obediência.

Porque não temos clareza sobre o nosso papel.

Que lugar na trincheira somos chamados a ocupar? Cada um de nós tem uma tarefa específica a realizar. De joelhos diante do Pai, pergunte: “qual é a minha tarefa?”

Notas:

1 *Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes – vamos falar sobre isso, cartilha da Visão Mundial em parceria com a Rede de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no Estado de Pernambuco.*

2 *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual (CECRIA), dez/2002.*

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 7.